

Bailado

Cortizona para Terpsicore

O sumo Aesculapio, Hipócrates ou seu antagonista Galeno, não teriam jamais imaginado que a mais etérea dentre as musas, viesse a ter um dia necessidade dos cuidados médicos, e exatamente para uma doença que é a antítese da sua própria função. A musa em questão é Terpsicore que preside a dança; os médicos, ainda estão por serem encontrados; mas o remédio é bom e está pronto: o cortizona, esta extraordinária descoberta dos nossos dias que se destina a combater o artrismo. Terpsicore tem artrismo. Contraiu-o aqui, em São Paulo.

O mal parece crônico. São Paulo, cidade com mais de dois milhões de habitantes, dispõe apenas de cinco ou seis escolas de bailado e seriam talvez suficientes se não funcionassem com fins exclusivamente comerciais, ou seja aqueles de arrecadar o que pagam os alunos em benefício de seus professores; esses para justificar suas funções e atrair os aspirantes à arte de Terpsicore, promovem anualmente uma reunião para mostrar aos parentes e amigos dos próprios alunos, algumas exhibições de passos aproximativos e figurações seducas. E isto, geralmente, tem lugar sobre o palco do máximo teatro da cidade, o Municipal, que deveria constituir o mais almejado e difícil objetivo e não o campo experimental para recrutas mal preparadas. Mas assim é. De resto, o Teatro Municipal não conta com um corpo de baile próprio e, em caso de necessidade, serve-se da Escola do Departamento de Cultura, a qual, não sendo outra coisa que uma escola, em emergência, oferece aquilo que pode. Na verdade, como é possível pretender que elementos juvenis e infantis vejam correr os anos sem a mínima esperança de fazer carreira, sem perceber remuneração, privados daquele maior estímulo que é a luz da ribalta? E eis que por fim, um qualquer desses elementos, abandonando o conceito de arte pela arte, vai parar no estrado das boites, ou bem, crendo que os sacrifícios suportados durante anos e anos tenham sido suficientes para lhes dar uma certa competência, dedicam-se ao ensino, transmitindo aos seus discípulos os mesmos erros, a mesma incapacidade de que foram vítimas. Cria-se deste modo um círculo vicioso. E o artrismo terpsicoreano aumenta.

Entretanto, sob os olhos ávidos e entendidos do público paulista, desfilam sobre o palco do Municipal, ballets de diversos países, todos admirados e aplaudidos. E talvez ninguém se pergunta: "Como, entre tantas nações que cultivam a dança e o ballet, não figura o Brasil?" Este Brasil tão rico de inspirações, de sagas, de lendas, de amor pelas expressões de arte e beleza, de improvisações popularescas no campo da dança, este Brasil que possui ritmos universalmente acolhidos, que emana tanto fascínio e tanta cor?

Uma só manifestação produziu o Brasil: aquele estupendo Teatro Folclórico Brasileiro, que passou quase despercebido do público e que, sem dúvida, provocará ondas de entusiasmo e altas recomendações nos palcos europeus.

Bem, a iniciativa disto é devida a um estrangeiro: um livreiro polonês. As autoridades não tomaram conhecimento da importância deste teatro folclórico. Infelizmente. Nem os espíes chamados "críticos". A arte da dança é a expressão das caracte-



A bailarina Laura Moret no "Estudo revolucionário" de Chopin

terísticas mais íntimas de um povo, dos sentimentos mais profundos, das aspirações mais sentidas. O costume, a etnologia, o nível artístico sempre encontraram na dança sua forma de expressão; assim foi para o antigo Egito, para a Grécia, para a mística Etrúria, cujos movimentos de dança desenhados ou esculpidos, serviram aos estudiosos para reconstruir a história daqueles povos. Descuidar da dança num país, significa um sacrifício artístico de seu povo, significa castigar as aspirações autóctonas, sufocar o reconhecimento de sua genialidade estética no estrangeiro.

Mas, denunciando o mal, é necessário sugerir o remédio. Antes de tudo, deve-se proporcionar aos aspirantes à dança, mestres competentes. A América do Norte conta com um Blanchine e um Lichine, a Argentina com Ileana Leonidoff, Paris com Boris Kiasev, os Sackaroff correm o mundo dando admiráveis ensinamentos do que seja arte pura.

E' necessário constituir uma escola dirigida por um grande e reconhecido mestre da arte, uma escola que não faça vã academia mas instrua e prepare aqueles elementos bem selecionados que garantam seguro resultado.

De um elemento com real vocação, es-

tudando seis horas por dia, poderá no fim de dois anos, resultar um bailarino, ou bailarina, perfeito; e, tratando-se de um elemento excepcional, num ano só. Aqui intervém também a habilidade do mestre. Em São Paulo, existem alunos que estudam há dez anos inútilmente, prestando-se ao jogo de ineptos mestres improvisados. E' necessário formar um corpo de baile profissional e não um inútil amontoado de diletantes.

E' necessário que os atuais professores de dança mudem aquela sua mentalidade que criou o atrito de escola contra escola, como negociantes em concorrência, e procurem construir positivamente para o teatro e o ballet nacionais. E' necessário instituir um Teatro Brasileiro de Ballet, banco de julgamento perante o público, para estimular os novos elementos de dança e formar os futuros coreógrafos, músicos, mímicos e cenógrafos brasileiros. E' necessário sobretudo incutir no ânimo dos aspirantes aquele senso de disciplina rigorosa, de sacrifício, de dedicação, sem o que a arte da dança, a mais difícil dentre quantas o homem tenha criado para se aproximar da suprema beleza, não poderá jamais libertar-se nem exteriorizar-se.

LAURA MORET